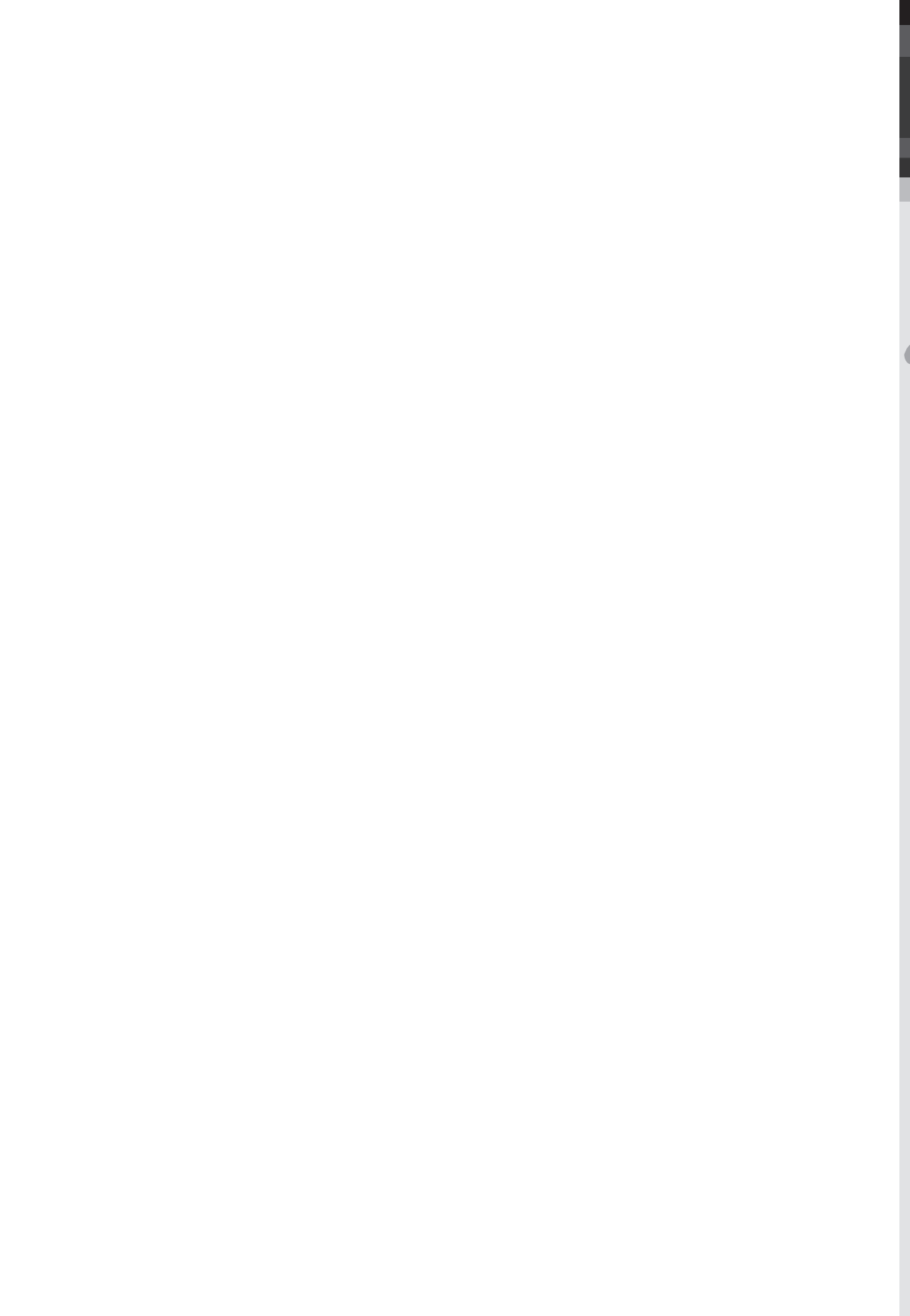




A
VELHA LOJA
DE
CURIOSIDADE

01



CHARLES DICKENS



A
VELHA LOJA
DE
CURIOSIDADE

Tradução
Fábio Meneses Santos

01



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

The old curiosity shop

Revisão

Agnaldo Alves

Valquíria Della Pozza

Texto

Charles Dickens

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Tradução

Fábio Meneses Santos

Diagramação

Linea Editora

Preparação

Fernanda R. Braga Simon

Imagens

Millena/shutterstock.com;

AKaiser/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D548v Dickens, Charles

A velha loja de curiosidades: Tomo 1 / Charles Dickens ; traduzido por Fábio Meneses Santos. - Jandira, SP : Principis, 2021.

352 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: The old curiosity shop

ISBN: 978-65-5552-215-0

1. Literatura inglesa. 2. Romance. I. Santos, Fábio Meneses. II. Título. III. Série.

2020-2694

CDD 823

CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823

2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Capítulo 1	7
Capítulo 2	22
Capítulo 3	30
Capítulo 4	39
Capítulo 5	49
Capítulo 6	56
Capítulo 7	66
Capítulo 8	74
Capítulo 9	86
Capítulo 10	97
Capítulo 11	103
Capítulo 12	112
Capítulo 13	120
Capítulo 14	130
Capítulo 15	138
Capítulo 16	149
Capítulo 17	156
Capítulo 18	165
Capítulo 19	174
Capítulo 20	186
Capítulo 21	192
Capítulo 22	202
Capítulo 23	208
Capítulo 24	219
Capítulo 25	226
Capítulo 26	235
Capítulo 27	243

Capítulo 28	253
Capítulo 29	261
Capítulo 30	272
Capítulo 31	278
Capítulo 32	289
Capítulo 33	295
Capítulo 34	306
Capítulo 35	313
Capítulo 36	325
Capítulo 37	332
Capítulo 38	341



Capítulo 1

A noite é minha hora preferida para caminhar. No verão, saio com frequência de casa logo ao amanhecer, perambulando por ruas e atalhos o dia todo, e até escapo por dias e semanas; mas, exceto quando estou no campo, raramente saio antes do anoitecer, embora, graças aos céus, eu ame a luz do dia e sinta a alegria que derrama sobre a terra como qualquer criatura viva.

Adotei esse hábito quase sem querer, tanto porque ele ajuda com minha enfermidade como pela oportunidade de especular sobre as personagens e os afazeres dos que congestionam as ruas. O brilho e a pressa do meio-dia não estão adaptados à minha ociosidade; a visão de rostos de passagem, capturados pela luz de uma lâmpada de rua ou pela luz de uma vitrine, serve melhor ao meu propósito do que sua completa revelação em plena luz do dia; e, se me permitem dizer a verdade, a noite é mais amável neste aspecto do que o dia, que muitas vezes destrói um castelo construído de ar no momento de sua conclusão, sem a menor cerimônia ou remorso.

Esse caminhar constante de um lado para o outro, essa inquietação sem fim, esse andar incessante que deixa lisas e brilhantes as duras pedras da calçada (é um espanto como os moradores de vielas estreitas

suportam ouvir isso!). Imagine um homem doente em um lugar como a Saint Martin's Court ouvir os passos e, no meio de sua dor e cansaço, ser obrigado, como uma tarefa que devesse cumprir, a distinguir entre os passos da criança e os do homem, entre os do pobre mendigo e os das botas requintadas, entre os do preguiçoso e os do ocupado, entre o caminhar monótono do fugitivo, com seu andar ligeiro, e o de um cliente à procura de lazer. Pense no zumbido e no barulho sempre presentes em seus sentidos e na torrente da vida que nunca para, jorrando, jorrando, jorrando através de todos os seus pesadelos, como se estivesse condenado a deitar-se, morto, mas consciente, em um ruidoso cemitério de igreja, sem esperanças de um dia descansar, por séculos a fio.

Depois, observo a multidão passar e repassar eternamente sobre as pontes (pelo menos naquelas livres de pedágio), onde muitos param nas noites suaves, olhando melancolicamente por sobre as águas, pensando que elas correm entre as margens verdes que vão se alargando cada vez mais até que, finalmente, se juntam ao vasto oceano, onde alguns param para descansar, livrando-se de suas cargas pesadas, e pensam, enquanto olham sobre o parapeito, que fumar e deixar a vida passar, dormir ao sol sobre a coberta quente de um bote lento e preguiçoso deve ser a felicidade em estado puro, e onde outros, de um tipo diferente, fazem uma pausa, com suas cargas mais pesadas ainda, lembrando-se de ter ouvido ou lido em algum lugar no passado que morrer afogado não deve ser uma morte tão dura, mas, de todos os meios de suicídio, seria a mais fácil e a melhor.

Gosto do mercado de Covent Garden ao nascer do sol, na primavera ou no verão, quando o doce perfume das flores está no ar, escondendo os odores doentios da devassidão da noite passada e deixando o pássaro sombrio, cuja gaiola foi esquecida pendurada na janela do sótão durante a noite, ficar quase louco de felicidade! Pobre pássaro! A única coisa ali, semelhante às flores colhidas, algumas amarrotadas pelas mãos quentes dos compradores bêbados, caídas pelo caminho, enquanto outras, murchas pelo contato entre si, aguardam o momento em que serão regadas e refrescadas para agradar a compradores mais sóbrios e fazer com que os

velhos funcionários que passam a caminho dos escritórios se perguntem o que teria enchido o coração deles com essa visão campestre.

Mas meu objetivo aqui não é discorrer sobre as minhas caminhadas. A história que estou prestes a relatar, à qual voltarei de tempos em tempos, aconteceu durante um desses passeios, e por isso fui levado a mencioná-los na forma de um prefácio.

Uma noite eu vagueava até a cidade, caminhando lentamente como de costume, meditando sobre diversos assuntos, quando fui detido por um pedido de informação, cuja finalidade não entendi, mas que parecia dirigido a mim mesmo e pronunciado com uma voz tão suave e doce que muito me agradou. Eu me virei rapidamente e encontrei, agarrada ao meu braço, uma garotinha bonita, que implorou que eu a levasse para uma certa rua, a uma distância considerável, de fato, em um bairro bem distante.

– Fica bem longe, minha filha – disse eu.

– Eu sei disso, senhor – respondeu ela timidamente. – Temo que seja realmente muito longe, pois eu vim de lá hoje mesmo.

– Sozinha? – perguntei eu, com alguma surpresa.

– Oh, sim, não me importo com isso, mas agora estou um pouco assustada, pois eu acho que me perdi.

– E o que a fez pedir isso justo a mim? Já pensou se eu lhe indicasse o caminho errado?

– Estou certa de que você não fará isso – disse a pequena criatura.

– Você é um cavalheiro tão velho e anda tão devagar...

Não posso descrever quanto me impressionou aquele apelo e a energia com que foi feito, trazendo uma lágrima aos olhos claros daquela criança e fazendo seu semblante delicado tremer quando olhou para mim.

– Venha – disse eu –, eu a levo até lá.

Ela colocou a mão sobre a minha com tanta confiança como se me conhecesse desde o berço, e nós nos afastamos dali. A pequena criatura acomodou seu ritmo ao meu, mais parecendo liderar e cuidar de mim do que eu a estar protegendo-a. Observei que de vez em quando ela lançava um olhar furtivo para o meu rosto, como se quisesse ter certeza de que

eu não a estava enganando, e esses olhares (que também eram diretos e curiosos) pareciam aumentar sua confiança em mim.

De minha parte, minha curiosidade e interesse eram pelo menos iguais aos da criança, pois criança ela era certamente, embora eu tivesse deduzido isso pelo que podia observar de sua estrutura muito pequena e delicada, que conferia uma juventude peculiar à sua aparência. Embora não estivesse agasalhada como deveria estar, ela se vestia com perfeito asseio e não demonstrava nenhum sinal de pobreza ou desleixo.

– Quem a mandou vir tão longe sozinha? – perguntei.

– Alguém que é muito gentil comigo, senhor – respondeu a menina.

– E o que você estava fazendo ali?

– Isso eu não devo dizer! – disse a criança com firmeza.

Havia algo nessa resposta que me fez olhar para a pequena criatura com uma expressão involuntária de surpresa, pois eu me perguntava que tipo de tarefa teria ela recebido para estar tão preparada para responder caso fosse questionada. Seus olhos ligeiros pareciam ler meus pensamentos, pois, assim que encontraram os meus, ela disse que não havia mal algum no que ela estava fazendo, mas que era um grande segredo, um segredo que nem ela mesma conhecia.

Isso foi dito sem parecer falsidade ou astúcia, mas com uma franqueza insuspeita, que deixava uma impressão de ser verdade. Ela seguiu caminhando como antes, tornando-se mais acostumada comigo enquanto avançávamos e falando alegremente, mas não disse mais uma palavra sobre a sua casa, a não ser quando percebeu que íamos por um caminho completamente novo e me perguntou se era um atalho.

Enquanto andávamos juntos, revirei em minha mente centenas de explicações diferentes para esse enigma e as rejeitei uma a uma. Eu sentia vergonha de tirar proveito da ingenuidade e do sentimento de gratidão da criança com o objetivo de satisfazer a minha curiosidade. Eu amo essas pessoinhas; e não significa um mero detalhe quando elas, que mantêm fresca a presença de Deus, nos amam de volta. Como me senti satisfeito pela sua confiança, decidi merecê-la e agradecer à natureza que a levou a depositá-la em mim.

Não havia motivos, no entanto, para eu deixar de conhecer a pessoa que a enviara de modo desprezível a uma distância tão grande, à noite e sozinha. E, como não era improvável que ela, ao chegar perto de casa, se despedisse de mim e me privasse dessa oportunidade, evitei os caminhos mais comuns e segui pelos mais complicados, de modo que só quando chegamos à própria rua ela reconheceu onde estávamos. Batendo palmas prazerosamente e correndo à minha frente a uma curta distância, minha pequena conhecida parou diante de uma porta e permaneceu na soleira até que eu me aproximasse, e bateu quando me juntei a ela.

Uma parte dessa porta era de vidro desprotegido por qualquer grade, o que não notei a princípio, pois tudo estava muito escuro e silencioso por dentro, e eu estava ansioso (como de fato a criança também estava) por uma resposta ao nosso chamado. Quando ela bateu duas ou três vezes, houve um barulho como se alguém estivesse se movendo lá dentro, e vagarosamente uma luz fraca apareceu através do vidro, aproximando-se lentamente, como se o seu portador andasse afastando muitos objetos espalhados, e assim pude ver que tipo de pessoa era aquela e de que tipo de lugar ela vinha.

Era um homem velho, com longos cabelos grisalhos, cujo rosto e aparência, enquanto segurava a luz acima da cabeça e olhava diante de si ao se aproximar, eu podia ver claramente. Embora muito afetado pela idade, imaginei reconhecer em sua forma esbelta e sobressalente algo dos traços delicados que eu havia notado na criança. Seus brilhantes olhos azuis eram certamente parecidos, mas seu rosto estava tão franzido e tão marcado que toda semelhança cessou ali.

O lugar por onde ele havia passado lentamente era um daqueles depósitos de coisas velhas e curiosas que parecem esconder-se em cantos estranhos dessa cidade a proteger seus tesouros mofados dos olhos do público com inveja e desconfiança. Havia malas de correspondências parecendo fantasmas em armaduras aqui e ali, entalhes fantásticos trazidos de algum claustro de convento, armas enferrujadas de vários tipos, imagens distorcidas em porcelana, madeira, ferro e marfim; tapeçarias

e móveis estranhos como se fossem projetados em sonhos. O aspecto abatido do velhote era espantosamente adequado ao lugar; ele deve ter estado entre antigas igrejas e tumbas e casas desertas e recolhido todos esses despojos com as próprias mãos. Nada havia em toda a coleção que parecesse mais velho ou mais desgastado do que o próprio, e tudo combinava com ele mesmo.

Quando girou a chave na fechadura, ele me examinou com algum espanto, que não diminuiu quando virou seu olhar de mim para a menina. Quando a porta foi aberta, a criança dirigiu-se a ele como avô e contou a pequena história do nosso encontro.

– Por quê, criança abençoada? – perguntou o velho, dando-lhe uma tapinha na cabeça. – Como pôde confundir o caminho? E se eu a tivesse perdido, Nell!

– Eu teria encontrado um jeito de voltar, vovô – disse a criança com bravura. – Jamais tema isso.

O velho a beijou, depois se virou para mim e me implorou para entrar, o que eu fiz prontamente. A porta foi fechada e trancada. Seguindo à frente com a luz, ele me conduziu através do lugar que eu já tinha visto de fora até uma pequena sala de estar nos fundos, na qual havia outra porta que se abria para uma espécie de armário, onde eu vi uma pequena cama que poderia ser de uma fada, de tão pequena e bem-arrumada. A criança pegou uma vela e entrou no aposento, deixando-nos juntos ali.

– Você deve estar cansado, senhor – disse ele, colocando uma cadeira perto do fogo. – Como posso agradecer?

– Cuidando melhor da sua neta da próxima vez, meu caro amigo! – respondi.

– Mais cuidado? – disse o velho com uma voz estridente. – Mais cuidado com Nelly! Por quê? Alguém neste mundo já amou alguma criança como eu amo Nell?

Ele disse isso com uma surpresa tão evidente que fiquei perplexo com o que deveria responder, mais ainda porque, juntamente com algo débil e vago em seus modos, havia em seu rosto uma expressão profunda de

ansiedade que me convenceu de que ele não poderia estar, como eu supunha inicialmente, em estado de senilidade ou demência.

– Eu não acredito que o senhor pensou... – comecei dizendo.

– Eu não pensei! – gritou o velho me interrompendo. – Eu não pensei nela! Ah, quão pouco você sabe da verdade! Ah, a pequena Nelly, a pequena Nelly!

Seria impossível para qualquer homem, qualquer que fosse seu discurso, expressar mais carinho do que o vendedor de antiguidades nessas poucas palavras. Eu esperei que ele falasse novamente, mas ele apoiou o queixo na mão e balançou a cabeça duas ou três vezes, com os olhos fixos no fogo.

Enquanto estávamos sentados em silêncio, a porta do armário se abriu, e a criança voltou, com os cabelos castanho-claros soltos sobre o pescoço e o rosto corado com a pressa que ela havia se arrumado para juntar-se a nós. Ela se ocupou imediatamente da preparação do jantar e, enquanto isso, observei que o velho aproveitou a oportunidade para me olhar mais de perto do que já havia feito. Fiquei surpreso que, durante todo esse tempo, tudo havia sido preparado pela criança e que parecia não haver outras pessoas além de nós naquela casa. Aproveitei para especular sobre esse assunto em um instante em que ela não estivesse, e o velho me respondeu que poucas pessoas adultas eram tão confiáveis ou cuidadosas como ela.

– Sempre me entristece – disse eu, despertado pelo que parecia ser um sinal do seu egoísmo –, sempre me entristece ver crianças iniciadas nos assuntos da vida adulta quando ainda são pouco mais do que bebês. Isso estraga a sua confiança e simplicidade, duas das melhores qualidades que o céu lhes dá, e exige que compartilhem de nossas tristezas antes de serem capazes de compartilhar de nossas alegrias.

– Isso nunca vai atingi-la – disse o velho, olhando fixamente para mim. – Os princípios dela são muito profundos. Além disso, os filhos dos pobres conhecem poucas alegrias. Mesmo os prazeres baratos da infância devem ser comprados e pagos.

– Mas, perdoe-me por dizer isso, você certamente não é tão pobre – disse eu.

– Ela não é minha filha, senhor – retrucou o velho. – A mãe dela era, assim como ela, pobre. Não economizo nada, nem um centavo, apesar de viver como você vê, mas... – ele pousou sua mão no meu braço e inclinou-se para a frente para sussurrar. – Ela será rica um dia desses, e uma bela dama. Não pense mal de mim porque eu aproveito da ajuda dela. Ela o faz alegremente, como você pode ver, e partiria o coração dela se soubesse que eu teria outra pessoa para fazer por mim o que suas mãozinhas podem se encarregar de fazer. Eu não penso nela? – ele gritou com repentina indecisão. – Só Deus sabe, essa criança significa a própria razão e objetivo da minha vida, e, no entanto, Ele nunca me concedeu prosperidade, nunca mesmo!

Nesse momento, o assunto da nossa conversa voltou novamente, e o velho, apontando para que eu me aproximasse da mesa, calou-se e nada mais disse.

Mal tínhamos começado nossa refeição quando ouvimos uma batida na porta pela qual eu havia entrado, e Nell explodiu em uma risada calorosa, que me alegrava ouvir, pois era infantil e cheia de graça. Disse que era sem dúvida o querido Kit que voltara.

– Nell, sua tola! – disse o velho acariciando seus cabelos. – Ela sempre ri do pobre Kit.

A criança riu de novo com mais entusiasmo do que antes, e não pude deixar de sorrir por pura simpatia. O velhinho pegou uma vela e foi abrir a porta. Quando ele voltou, Kit estava atrás dele.

Kit era um rapaz cabeludo, tosco e desajeitado, com uma boca desproporcionalmente grande, bochechas muito vermelhas, nariz arrebitado e tinha certamente a expressão facial mais cômica que eu já tinha visto. Ele estancou na porta ao ver um estranho, girou em sua mão um velho chapéu perfeitamente redondo sem nenhum vestígio de aba e, descansando ora sobre uma perna, ora sobre a outra, alternando-as constantemente, permaneceu na porta, olhando para a sala com o olhar maroto mais extraordinário que eu já vi. Eu nutri um sentimento agradável pelo garoto a partir daquele minuto, pois senti que ele era a alegria na vida da criança.

– Um longo caminho, não foi, Kit? – disse o velhinho.

– Como não? Foi um bom exercício, mestre – retrucou Kit.

– Claro, e você deve ter fome – afirmou o velho.

– E como! Eu me considero um tanto faminto, mestre! – foi a resposta.

O rapaz tinha uma maneira notável de ficar de lado enquanto falava e empurrava a cabeça para a frente, por cima do ombro, como se não conseguisse dizer as coisas sem essa posição. Penso que o teria achado divertido onde quer que estivesse, mas o prazer demonstrado pela criança com o jeito estranho dele e o alívio em descobrir que havia algo que ela associava à alegria em um lugar que parecia tão inadequado para ela eram bastante agradáveis. Foi interessante observar também que o próprio Kit ficou orgulhoso com a sensação que ele proporcionou a ela e, após se esforçar para preservar sua seriedade, explodiu em uma gargalhada sonora e ficou com a boca aberta e os olhos quase fechados, rindo violentamente.

O velho voltou ao seu estado de abstração e não percebeu o que acontecia, mas observei que, quando a risada de Kit terminou, os olhos brilhantes da criança estavam sombreados por lágrimas, despertadas pelo coração repleto de contentamento com que ela acolhera seu amigo favorito, depois de toda a ansiedade daquela noite. Quanto ao próprio Kit (cuja risada era sempre do tipo que, por muito pouco, não se transformaria em choro), ele levou uma grande fatia de pão com carne e uma caneca de cerveja para um canto e se dedicou a dar conta deles com voracidade.

– Ah! – disse o velho virando-se para mim com um suspiro, como se eu tivesse falado com ele naquele instante. – Você não sabe o que diz quando afirma que não me importo com ela.

– Você não deve dar muita importância para um julgamento baseado nas primeiras impressões, meu amigo – disse eu.

– Não – respondeu o velho pensativo –, não mesmo. Venha cá, Nell.

A menininha apressou-se em sentar e enlaçou o pescoço dele.

– Eu amo você, Nell? – perguntou ele. – Diga se eu amo você, Nell.

A criança respondeu apenas com seu afeto, deitando a cabeça no peito do velho.